UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

##### ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE

##### **RENATA COSTA DE MELLO**

**O Estudar na Corte: Um olhar sobre o projeto de formação dos alunos no Colégio Imperial (Rio de Janeiro, século XIX, 1837 - 1860).**

RIO DE JANEIRO

2016

##### RENATA COSTA DE MELLO

**O Estudar na Corte: Um olhar sobre o projeto de formação dos alunos no Colégio Imperial (Rio de Janeiro, século XIX, 1837 - 1860).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Jane Santos da Silva

RIO DE JANEIRO

2016

|  |
| --- |
|  MELLO, Renata Costa de, 1989-O Estudar Na Corte: Um Olhar Sobre O Projeto De Formação Dos Alunos No Colégio Imperial (Rio De Janeiro, Século XIX, 1837 - 1860)./ Renata Costa de Mello. – 2016.42 f. ; 30 cmOrientador: Jane Santos da Silva.Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Curso de Pedagogia, 2016.1. Ensino Secundário. 2. Colégio Pedro II. 3. Elites. I. Silva, Jane Santos da. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Curso de Pedagogia. III. O Estudar Na Corte: Um Olhar Sobre O Projeto De Formação Dos Alunos No Colégio Imperial (Rio De Janeiro, Século XIX, 1837 - 1860). |

##### RENATA COSTA DE MELLO

**O Estudar na Corte: Um olhar sobre o projeto de formação dos alunos no Colégio Imperial (Rio de Janeiro, século XIX, 1837 - 1860).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovação em ­­­­­­­­­­­21/12/2016

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Profª. Drª. Jane Santos da Silva

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

 Profº. Drº. Marco Aurélio Corrêa Martins

À minha mãe e minha avó.

Melhores amigas,

Conselheiras e companheiras que tenho.

E ao meu avô (in memoriam). O melhor pai que existiu.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, por ter me dado força em mais esses três anos de curso, por mais uma graduação concluída.

As que mais torcem pelo meu sucesso: Minha querida mãe Iná Mello, que além de tudo que fez por mim, com toda dedicação e amor do mundo, tantas vezes teve que deixar seus sonhos de lado para que eu realizasse os meus. A minha querida avó Cecília Rodrigues Mello, pelo amor, carinho e ajuda em todos os momentos da minha vida. E a meu amor, por compreender todos os momentos de estudo e trabalho que não podia estar com ele.

A minha orientadora a Profª. Drª Jane Santos da Silva que me auxiliou da melhor forma possível para que este trabalho acontecesse.

A atenção da Profª Drª Beatriz Boclin e do Profº Geraldo Pinto Vieira e à gentileza das bibliotecárias Elisabeth Silva e Tatyana Marques, todos da equipe do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II.

Aos meus amigos da faculdade e a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém”.

Paulo Freire

##### RESUMO

O período regencial foi marcado por várias agitações, tanto políticas quanto sociais. Entre elas se destacam: a falta de unidade das elites que governavam e as revoltas regenciais, que abalaram o poder imperial e provocaram uma série de desordens pelas províncias. Além disso, existia outro grave problema que teria que ser resolvido o mais rápido possível. Era a educação, que se encontrava em estado deplorável, sobretudo a instrução secundária na Capital do Império. Contudo, com a chegada dos Saquaremas ao poder, representados pelo regente Pedro de Araújo Lima, eles propuseram um projeto, no qual o Estado brasileiro deveria ter como referência a França, no que diz respeito à formação de sua população. Assim, foi criado o Projeto de Estado-Nação, no qual a civilização deveria ser a meta alcançada pela educação. Para tanto era preciso à fundação de um colégio que servisse como modelo de instrução secundária para as instituições de ensino de todo o território brasileiro, fossem elas particulares ou públicas. Mediante isso, o Colégio Pedro II, durante o período imperial tornou-se símbolo de ensino de excelência e da formação da elite política, econômica e intelectual da época. A partir de várias documentações do período, veremos nesta pesquisa que desde sua gênese, a preocupação do ensino desta instituição era com os filhos das classes mais favorecidas, já que na maior parte das vezes, eram os filhos da boa sociedade que estudavam no Colégio. Assim, perceberemos que o maior interesse do Estado Imperial não era a educação do povo, e sim um ensino direcionado para as minorias, pois foi a partir da importância de se criar uma instituição padrão de ensino que fosse voltada para a formação dos filhos das elites, que o Seminário de São Joaquim foi transformado no primeiro colégio de instrução pública secundária do Império. O ensino ministrado na instituição, além de ser disciplinado e rigoroso, era muito abrangente, já que um dos objetivos do Colégio era justamente a formação erudita de seus alunos, para que no futuro, eles ingressassem nos quadros do próprio Governo Imperial, e também para que eles representassem o Estado mundo afora. Com isso em vista, podemos perceber a grande preocupação dos governantes para com esse estabelecimento de ensino, pois ele era um dos maiores ícones do Projeto de Estado-Nação.

Palavras-Chave: Ensino Secundário, Colégio Pedro II, Elites.

###### Abstrat

The Regency period was marked by several upheavals, both political and social. Among them are: the lack of unity of the elites who ruled and revolts regenciais that shook the imperial power and caused a number of disorders of the provinces. Moreover, there was another major problem that had to be resolved ASAP. Was education, which was in deplorable condition, especially secondary education in the Capital of the Empire. However, with the arrival of Saquaremas to power, represented by the regent Pedro de Araújo Lima, they proposed a project in which the Brazilian government should have reference to France, with regard to the formation of its population. Thus was created the Nation-State Project, in which civilization should be the goal achieved by education. Therefore it was necessary to the foundation of a school that would serve as a model of instruction for secondary education institutions from all over the Brazilian territory, be they private or public. Upon this, the Colegio Pedro II, during the imperial period became a symbol of excellence for education and training of elite political, economic and intellectual era. From various documentations of the period, we will see that this research since its inception, the concern of this institution was teaching the children of the higher classes, since in most cases, were the children of the good society that studied in college. Thus, we see that the greater interest of the Imperial State was not the people's education, but an education directed to minorities because it was from the importance of creating an institution that teaching standards were dedicated to training the children of the elites , the Seminary of San Joaquin has become the first public secondary school instruction Empire. Courses offered at the institution, besides being disciplined and rigorous, was very comprehensive, since one of the goals of the College was precisely the classical training of their students, so that in future they join in the tables of Imperial Government itself, and also for they represent the state worldwide. With this in view, we can understand the great concern of the government towards this educational establishment, for he was one of the greatest icons of the Nation-State Project.

Keywords: Secondary education, Colegio Pedro II, Elites

##### Lista de ilustrações

Figura 1 - Uniforme dos alunos do Colégio Pedro II em 1855. Nudom/ CPII ............................. 31

###### SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** .......................................................................................................................... 11

**Capítulo 1 O PROJETO DE ESTADO-NAÇÃO** ................................................................ 16

1.1 O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO.................................................................. 16

1.2 O GOVERNO SAQUAREMA ............................................................................................. 19

**CAPÍTULO 2 O COLÉGIO PEDRO II: A INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO IMPÉRIO** . 22

2.1 DA GÊNESE AO ESTABELECIMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO ....................... 22

2.2 O COLÉGIO COMO SÍMBOLO DO PROJETO DOS DIRIGENTES .............................. 25

**CAPÍTULO 3 O ENSINO NA INSTITUIÇÃO** .......................................................................28

3.1 O COLÉGIO DE ELITE......................................................................................................... 28

3.2 O ENSINO ELITISTA............................................................................................................ 33

**CONCLUSÃO** ............................................................................................................................. 36

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ..................................................................................... 39

**INTRODUÇÃO**

**11**

 Este trabalho de Conclusão de Curso terá como centralidade o Colégio Pedro II e a instrução secundária durante parte do Segundo Reinado. Instrução esta, que estava em péssima situação, sobretudo no Município da Corte, onde a quantidade de aulas avulsas[[1]](#footnote-1) crescia indiscriminadamente, principalmente por falta de fiscalização.

 Foi a partir da regência de Pedro de Araújo Lima[[2]](#footnote-2), que esta situação começou a mudar devido ao projeto de construção de um Estado-Nação elaborado pelos dirigentes do Império, os chamados Saquaremas. É por meio desse projeto, que tinha como principal proposta o estabelecimento da ordem através da civilização e da educação pautados no modelo europeu, que tais dirigentes fundaram um colégio que melhor representasse seus ideais e que tivesse o melhor ensino de todo o Império.

 Assim, o Seminário de São Joaquim foi transformado no primeiro colégio de instrução secundária de todo território brasileiro, e hoje chamado Colégio Pedro II até hoje é visto como um dos maiores símbolos desse projeto Saquarema, principalmente quando se fala de educação.

A fundação do CPII tinha alguns propósitos como, por exemplo, a oferta de um ensino excelente, dirigido, sobretudo aos filhos das elites brasileiras, a fim de proporcionar a preparação desses jovens para o ingresso em altos cargos do próprio governo. Também tinha a função de ser o colégio modelo para todas as outras instituições de ensino de todo o Império e também dar uma unidade para a instrução secundária que se encontrava fragmentada.

Diante do exposto, a pesquisa tem como objeto de estudo o ensino do Colégio Pedro II e a formação de seus alunos, e é mediante seu ensino erudito que podemos perceber que o Colégio era um dos principais instrumentos utilizados para que o projeto dos dirigentes do Império pudesse ser concretizado.

Pesquisar o Colégio Pedro II e o período imperial brasileiro é uma meta para mim. Já tive a oportunidade de me debruçar em outro estudo acadêmico que realizei para minha monografia de conclusão de curso de Bacharelado e Licenciatura em História pela UFRJ – nesta ocasião meu tema de pesquisa foi **O Imperador D. Pedro II e a educação na Corte: histórias e memórias do Colégio Pedro II, instituição padrão de ensino (Rio de Janeiro, século XIX) (2013).**

Agora me volto à temática com o olhar da Educação, com a proposta de entender os mecanismos pedagógicos da instituição.

**12**

Logo justifico esta nova pesquisa como uma forma de complementação à primeira, vista que também irei estudar um período que me interessa e sobre o qual ainda podemos ter algumas ramificações interessantes. Justifico minha escolha também, porque tenho enorme carinho e gratidão pelo Colégio que será objeto da pesquisa, pois nele, passei doze anos da minha vida acadêmica inicial e com os profissionais de ensino que passaram por minha vida nesses anos, aprendi tudo de mais importante para seguir em frente em meus estudos universitários.

A partir desses pressupostos o corpo central dessa pesquisa irá se constituir através de três frentes de trabalho divididos nos três capítulos que a compõe.

No primeiro capítulo veremos o Projeto de Estado-Nação implantando pelas elites dirigentes do Governo, e de como este projeto se pautava na educação para atingir seu principal ideal: a construção da civilização. Assim o objetivo deste capítulo será identificar como este plano era importante naquele momento para a existência de uma população civilizada como as elites queriam, logo tentará ser revelado como se encontrava o ensino na capital da Corte antes da criação da instituição, buscando também compreender o projeto de Estado-Nação (Saquarema) que se formava no contexto de criação do Colégio;

O segundo capítulo irá explorar a constituição histórica do Colégio Pedro II e de como esta instituição de ensino pode ser considerada um dos maiores símbolos para a concretização do projeto das elites dirigentes e também pode ser caracterizada por seu ensino erudito[[3]](#footnote-3). Desse modo, o objetivo deste capítulo será apontar como o Colégio Pedro II representou os ideais dos dirigentes Saquaremas, sobretudo com relação ao ensino, que apesar da “excelência” não atingia todas as parcelas da sociedade.

Já o último capítulo da pesquisa analisará especificamente como era a formação dos alunos no colégio, e consequentemente quem eram tais estudantes considerados privilegiados por estudar no “colégio padrão de ensino secundário”, de como esta questão também pode ser identificada como uma parte importante das intenções do projeto de Estado-Nação que o governo imperial tentava implementar na época na capital. Com isto em vista, o objetivo deste capítulo será perceber como o ensino do Colégio Pedro II era considerado um “colégio de elite”, ou seja, uma instituição destinada à formação dos filhos da “boa” sociedade, assim sendo um ensino excludente e elitista.

Para a realização desta pesquisa foram utilizadas basicamente referências bibliográficas sobre o ensino, mas especificamente aqueles que relatam o Colégio Pedro II e também sobre o Império em geral, já que pretendo fazer um pequeno retrato do que era a vida acadêmica imperial naquele momento. Para tanto poderá ser utilizado bibliografias como Fazer uma padronização do tempo verbal. As vezes usa o futuro e as vezes usa o passado. Entendo que a introdução se refere ao passado da pesquisa, não Maria de Lourdes Haidar, Escragnolle Dória, Carlos Fernando Cunha Junior, Ilmar Mattos entre tantos outros autores que me ajudarão no processo de entendimento do cenário político e social que a Capital do Império passava e como surgiu o “nascimento” do Colégio Pedro II nesse meio.

**13**

A maior parte da documentação pesquisada se encontra no próprio colégio, contando com um arquivo organizado chamado NUDOM - Núcleo de Documentação e Memória[[4]](#footnote-4).

Algumas das documentações pesquisadas no NUDOM foram o Anuário do Colégio, especificamente o do ano de 1914 (*Comemorativa dos 170 anos da Fundação do Colégio Pedro II,* nº 1) que trata basicamente da história do CPII e os programas de ensino da instituição (*VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. Programa de Ensino da Escola Secundário Brasileria: 1850-1951. Curitiba, Ed. Do autor, 1998),* onde podemos identificar os conteúdos programáticos ensinados na escola, e perceber que eles são bem conteudistas e preocupados basicamente com um padrão científico de estudo.

Com relação às fontes externas do Colégio, a primeira pesquisada foi a *Memória Histórica do Colégio Pedro II (1837-1937)* (1997)[[5]](#footnote-5) escrita pelo memorialista Escragnolle Dória como parte das comemorações pelo primeiro centenário do Colégio. Encontra-se neste documento a narrativa de Dória sobre o que aconteceu no estabelecimento de ensino em cem anos de sua história.

Outros memorialistas também fazem parte das fontes pesquisadas no NUDOM, foram elas: *Um Passeio pela cidade do Rio Janeiro* (1862-63) de Joaquim Manuel de Macedo; *Memórias do Visconde de Taunay* (1948) de Alfredo Maria Adriano Escragnolle Taunay e *Balão Cativo* (1973) e *Chão de Ferro* (1976)*,* as duas de Pedro Nava. Em cada uma dessas obras os memorialistas retratam o cotidiano de cada um deles na época em que frequentaram o Colégio Pedro II, e o que interessa para a pesquisa são justamente os discursos que cada um faz dos momentos que passaram na instituição, em especial os momentos em que retratam suas experiências como alunos da instituição de ensino.

**14**

Também no acervo do NUDOM foram encontradas algumas teses que interessam para o desenvolvimento da pesquisa, umas por relatarem a história do Colégio como a de Vera Cabana, *O Colégio Pedro II: um lugar de memória* (1999), e outras por darem um panorama geral da história da educação no século XIX, como a de Laurinha de Barbosa, *Educação de Poder: quando a escola era risonha e franca... Rio de Janeiro, 1808-1928* (1988). Tais teses, são importantes por serem estudos mais recentes sobre tais temas.

Diante de todas essas documentações a metodologia que será usada para a análise de todas essas fontes será o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989, pp. 143-180). Utilizando este paradigma, indícios serão buscados em tais fontes e desse modo, os objetivos propostos serão analisados através dos discursos dos memorialistas, dos ex-alunos e professores do Colégio e também através do que foi feito na área da educação por parte do governo imperial, sempre tentando contrapor essas duas dimensões.

Dessa forma o meu trabalho tem como meta mostrar e analisar o ensino do Colégio Imperial, como era chamado o colégio durante o Império, dedicado basicamente aos filhos da elite imperial, ou seja, seu ensino era para a formação de tais alunos para em um futuro próximo continuarem dirigindo a nação, assim como seus pais ou avós. Logo, era por meio de um ensino erudito e seletivo que o Imperial Colégio de Pedro II pode ser considerado como o maior representante do projeto de civilização do Império.

Todavia apesar de muitos estudos - sendo eles livros, artigos e dissertações - já terem sido produzidos tendo ou o Colégio Pedro II ou seu ensino como objeto central de análise, quase sempre o que eles abordam é a história da instituição de uma maneira mais ampla. Contudo o que busco neste trabalho é me debruçar sobre os alunos da instituição através das seguintes questões: quem eram seus pais? Como conseguiam vagas no colégio? Como eram formadas as turmas no internato e no externato? Enfim, identificando como o projeto de formação desses alunos se constituiu no Império e servindo de exemplo para todas as outras instituições de ensino que existissem na Corte.

 Com isso em vista a minha hipótese inicial e que tentarei me debruçar nessa pesquisa é que o Colégio Imperial era destinado a estudantes que possuíssem renda para o pagamento. Em outras palavras, seu ensino, era para a formação de uma elite imperial que no futuro pudesse dar visibilidade a instituição que os formou. Logo, tentarei identificar ao longo da pesquisa que seu método de ensino era enciclopédico e baseado nos modelo europeu. Sendo assim, a instituição era considerada o exemplo a ser seguido pelas demais escolas que existiam na época, que não eram muitas.

**15**

 Mediante essa pesquisa, podemos ter complementos para futuros trabalhos que tenham os temas que circundam a mesma, pois quanto mais pesquisas forem desenvolvidas sobre a educação brasileira e sobre esta instituição de ensino tão importante, melhor será para conhecimento do que representou tal ensino padrão lecionado no colégio.

**O PROJETO DE ESTADO-NAÇÃO**

**16**

1.1 O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO

 Quando os governantes Saquaremas[[6]](#footnote-6) assumiram o poder, o primeiro desafio a enfrentar era sem dúvida, melhorar o ensino público secundário (MATTOS, 1986), já que este ensino se encontrava em pior situação, pois ele era fragmentado e mal estruturado. Tão logo, como interessava muito os governantes Saquaremas resolver este problema, já que era por meio da instrução secundária que os jovens poderiam avançar para os cursos superiores, eles logo colocaram a mão na massa para seguir com o plano que tinham.

 Assim, eles elaboraram um projeto, conhecido como Projeto de Estado-Nação, no qual o principal objetivo era a construção de uma civilização inspirada no modelo francês. Este modelo civilizacional tinha como objetivo mudar a vida de todas as camadas da população[[7]](#footnote-7) e deveria ser alcançada por meio de uma ótima educação, ministrada em uma instituição padrão de ensino.

 Com isso em vista, neste capítulo veremos como e por que esta construção desse plano de Estado ganhou força ainda na primeira metade do século XIX, e como este projeto se pautava, sobretudo, no ensino secundário para atingir seu principal ideal. Logo o objetivo deste capítulo será compreender o projeto de Estado-Nação (Saquarema) que se formava no contexto de criação do Colégio e como ele era importante para a construção de uma população civilizada como as elites planejavam.

 Porém, antes se faz necessária uma pequena digressão para analisarmos como a instrução secundária chegou ao ponto de decadência no século XIX. Para isso, vejamos um pequeno histórico deste ensino no país.

 O ensino secundário no Brasil teve sua origem nos colégios jesuítas que correspondeu a grande parte dessa instrução no período colonial. Ele era destinado aos filhos das elites, sendo o principal objetivo a formação de futuros padres. Logo, este ensino era de interesse e domínio dessas classes dirigentes e “[...] tinha o papel de articular os interesses metropolitanos e as atividades coloniais”. (ZOTTI, 2005, p. 31).

 Suas principais características eram o currículo humanista com padrão aristocrático, justamente para a formação dos filhos das elites econômicas, políticas e culturais da sociedade. Dessa forma, eram esses alunos que frequentariam os bancos escolares neste período. Portanto o ensino seguia a mesma tendência discriminatória da sociedade colonial, ou seja, a divisão entre proprietários de terra que tinham acesso à educação, e seus escravos que eram excluídos.

**17**

 Com as reformas pombalinas[[8]](#footnote-8), o ensino jesuítico foi substituído, passando a ser organizado a partir de então, sob a forma de aulas avulsas, ou seja, aulas ministradas em casa pelos preceptores, e o que se pôde observar com isso, foi uma fragmentação da instrução secundária e uma grande perda de continuidade no processo de ensino aprendizagem dos estudantes.

 Essa desorganização afetava não só os alunos, mas também os professores que mal conseguiam ministrar suas aulas, o que acabava prejudicando o ensino de uma maneira geral, como fica claro nesta passagem:

Escolhiam os professores o horário de suas lições. Matriculavam-se os estudantes a qualquer época do ano retirando-se quando bem lhes aprouvesse, circunstância que impedia a realização de cursos regulares e impunha a convivência, na mesma classe, de alunos de diferentes idades e diversos graus de aproveitamento. [...] Carentes de incentivo e orientação, aquinhoados com salários ínfimos que mal bastavam para o aluguel de uma casa onde pudessem dar suas aulas, pouco puderam fazer os mestres de aulas avulsas em prol dos estudos secundários na Capital do Império. (HAIDAR, 1972, p. 96).

 Mesmo assim, as aulas avulsas continuaram a se expandir de forma maciça e indiscriminada, sem nenhum tipo de fiscalização. Todavia elas eram frequentadas, em sua maioria, pelos alunos que não tinham condições financeiras de estudar no exterior, de fazer um curso superior, ou até mesmo por quem esperava uma chance de ingressar em um colégio. (RIBEIRO, 1982, p. 51).

 Entretanto, algumas pequenas interferências por parte do governo imperial passaram a acontecer, como por exemplo, a criação do Ateneu do Rio Grande do Norte (1825) e os Liceus da Bahia e da Paraíba (1836). Mas elas por si só, não foram suficientes para resolver a situação preocupante que a instrução secundária vivia naquele momento.

**18**

Muitos outros problemas eram frequentes no ensino. O Ministro José Carlos Pereira de Almeida Torres, em 1847, nos cita alguns deles:

[...] os Professores vivem entregues a si mesmos, perfeitamente isolados, sem unidade de pensamento, e sem inspecção alguma. A natureza dos livros mandados seguir nestas aulas por huma legislação antiquissima, acanhando dentro de tão limitados compendios os talentos dos differentes Professores, annulla o grande partido, que se poderia tirar de suas luzes. Assim a falta de bons livros, e a de novos cursos elementares de algumas lingoas modernas, e de disciplinas scientificas, como a Chimica, a Physica, as Mathematicas, a Historia Natural, e a Historia Geral [...]. (Relatório do Ministério do Império de 1847, p. 10).

 Com a descentralização dos estudos no nível secundário, o que se percebeu foi um dos graves problemas que os dirigentes do governo tiveram que enfrentar. Em todas as províncias a instrução secundária se encontrava em difícil estado. Entretanto é no Município da Corte, que este ensino está em pior situação, já que com a presença da monarquia, as oportunidades só cresciam.

 Contudo não existiam estabelecimentos de ensino que conseguissem suportar a demanda de alunos. Logo, os problemas da educação, no Rio de Janeiro se agravaram ainda mais, criando assim, espaços para um aumento de estabelecimentos particulares.

 Tão logo, três providências passaram a ser prioridade para tentar solucionar os graves problemas do ensino na Corte, em especial do ensino secundário: em primeiro lugar criar um liceu nos moldes europeus, extinguindo assim, o sistema de aulas avulsas; depois formar uma comissão de instrução pública a fim de fiscalizar as instituições de ensino e por último estabelecer condições para a abertura de novas escolas. (HAIDAR, 1972, p. 104). Essas medidas acabaram se concretizando, com o passar dos anos através das seguintes práticas:

“[...] vulgarizar e difundir a instrução pública; dar ao corpo do docente uma organização melhor; [...] formar bons professores e bons institutores; regulamentar e regularizar o ensino privado [...] e supervisionar todos os estabelecimentos de instrução da capital”. (ALMEIDA, 2000, p. 83).

**19**

Com o passar do tempo, mas precisamente durante o Período Regencial as instabilidades só aumentavam, nos diversos setores da sociedade imperial. Além dos problemas específicos com o ensino, também existia uma série de outros desafios que precisavam ser solucionados o mais rápido possível. Entre eles se destacam a divisão dos grupos das elites[[9]](#footnote-9) que reivindicavam mais espaço no governo, e as revoltas regenciais[[10]](#footnote-10) que desestabilizaram os grupos dominantes.

* 1. O GOVERNO SAQUAREMA

 Diante de todos esses problemas era mais do que necessário instituir um projeto consistente, que pudesse solucionar tais conflitos nas diversas províncias, a fim de tentar acalmar os governantes do Império, que a essa altura, já se encontravam ameaçados diante de tantas reclamações.

 Foi assim, a partir de 1838, que os Saquaremas passaram a assumir o controle do Estado Imperial, representados na figura de Pedro de Araújo Lima. A proposta dos Saquaremas para uma possível solução da crise em que o Estado monárquico se encontrava era em primeiro lugar, estabelecer a ordem e salvar a sociedade brasileira da desorganização, problemas que na concepção dos mesmos poderia romper a integridade do Império do Brasil e consequentemente o poder das elites. (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 21).

As principais ideias do grupo Saquarema eram preservar a unidade do Império por meio de um forte controle do poder central e da diminuição do poder das províncias. Para eles, o necessário era combater a desordem que assolava todo o Império, advinda do Ato Adicional de 1834[[11]](#footnote-11), vista por eles com uma grande ameaça ao governo imperial.

 Desse jeito a proposta dos Saquaremas se pautava em três ideais: a centralização, a ordem e a civilização. Eles iriam buscar esses objetivos através da construção de um Estado-Nação com inspiração europeia, principalmente à francesa, já que este país era uma das grandes referências quando se falava de civilização. (MATTOS, 1987, p. 246).

**20**

 Para que esse projeto se desenvolvesse e se perpetuasse em diversas áreas da sociedade imperial foram criadas algumas instituições que serviram de suporte para a idealização e concretização dos ideais Saquaremas. Talvez as três mais importantes foram o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, a Academia Imperial de Belas Artes e o Colégio Pedro II.

 Com relação ao IHGB ele teve como seu maior objetivo a criação de uma identidade nacional e pretendia fundar a história do Brasil a partir de uma história de grandes personagens exaltados como heróis da pátria. Sua criação foi em 1838 e teve como modelo o Institut Historique, fundado em Paris, em 1834.

A partir dos anos de 1850 esta instituição se afirma como um centro de estudos, estimulando a vida intelectual e a literatura. Contou com o patronato do imperador D. Pedro II, que era um dos grandes incentivadores da instituição, pois financiou diversas pesquisas, fez várias doações valiosas e presidiu mais de 500 sessões.

Já à Academia Imperial de Belas Artes fundada em 1826, por D. João VI, mas muito fortalecida no reinado de D. Pedro II, teve como principal objetivo dar uma imagem oficial ao Império e se propagar como um centro de difusão de novos ideais estéticos, educativo e como um dos braços executivos do programa cultural nacionalista patrocinado pelo imperador.

Tendo em vista isso, na Academia Imperial o imperador também distribuía prêmios, bolsas de estudos, medalhas e financiamentos a artistas que em sua maioria, eram os responsáveis pelas imagens oficiais do imperador que circulavam pelo Império. É por esses motivos que o monarca era visto como o “mecenas das artes”. (SCHWARCZ, 1998, p. 144- 145).[[12]](#footnote-12)

Já a criação da terceira instituição, veio a partir da importância que a concepção de civilização representava para os dirigentes em seu projeto de Estado, visto que para se estabelecer à sonhada ordem na sociedade, todas as províncias precisavam aproximar-se da civilização europeia, tida como referência há muitos anos. (NEEDELL, 1993, p. 49).

 Assim, para a efetivação dos planos dos Saquaremas, uma das questões que teria que ser resolvida rapidamente, era a educação, já que esta nos países europeus tinha um importante papel na formação de sua população.

**21**

 Para isso a civilização deveria ser a meta alcançada pelo ensino. Sendo assim, a educação era a principal preocupação das elites. Contudo, a ensino visado por esses dirigentes teria como principal objetivo a diferenciação da população, pois cada classe teria uma posição hierárquica na sociedade, como nos afirma Mattos:

 [...] a formação do povo consistia, em primeiro lugar, tanto em distinguir cada um dos cidadãos futuros da massa de escravos quanto em resgatá-los da barbárie. Mas não deveria deter-se aí: o abandono a que se procedia era também a retomada dos princípios diferenciadores e hierarquizantes presentes na sociedade, de modo a evidenciar para cada um o papel que se lhe reservava em função da posição que ocupava. (MATTOS, 1986, p. 260).

 É neste ambiente que se torna necessária a criação de um colégio que fosse um dos principais difusores desses ideais de civilização e que acima de tudo tivesse um bom ensino que pudesse levar os filhos dessas elites aos cursos superiores e futuramente aos mais altos postos dentro do governo imperial.

 Então foi no Município da Corte, capital do Império, que foi criado o Colégio Pedro II, sendo uma das bases para a difusão dos padrões de civilização almejados pelo projeto de Estado-Nação.

Desse jeito, de acordo com Ilmar Mattos a criação do Colégio representou:

[...] toda a preocupação com a formação daqueles que, virtualmente, deveriam constituir o mundo do governo, o Governo-Geral acabaria por exercer um controle indireto sobre o ensino secundário no Império. E o fez por meio do estabelecimento de um padrão modelar de ensino, representado pelo Colégio Dom Pedro II, cuja exemplaridade esperava-se ver imitada pelo conjunto das províncias. (MATTOS, 1986, p. 253).

 Tomando posse de todas as informações vistas ao longo desse capítulo, podemos afirmar que no momento que os dirigentes Saquaremas entraram para o governo e elaboraram este projeto, o que mais importava para eles era sem dúvida construir uma Nação baseada no modelo europeu. Para isso, a civilização seria o principal foco dos governantes, pois uma população civilizada e com os filhos dessas elites estudando no melhor colégio de instrução secundária de todo o Império, a imagem do Brasil seria muito bem representada e divulgada no exterior.

 Portanto concordamos com Cunha Junior (2008), quando ele afirma que foi por meio do processo de expansão saquarema que o CPII foi criado, e é justamente sobre seu papel dentro desse projeto de Estado que vamos tratar no próximo capítulo.

**22**

**O COLÉGIO PEDRO II: A INSTITUIÇÃO DE ENSINO DO IMPÉRIO**

2.1 DA GÊNESE AO ESTABELECIMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

 O que veremos neste capítulo é um breve histórico do Imperial Colégio de Pedro II e como esta instituição, desde sua gênese tinha como um de seus maiores objetivos a preocupação em oferecer um ótimo ensino, senão o melhor ensino secundário que a capital da corte já tinha visto. Para tanto, o Colégio foi um dos principais instrumentos utilizado pelos dirigentes do Império, no projeto de formação do Estado, a fim de garantir o *progresso e civilidade* tão almejada por eles. Assim, este estabelecimento passou a ser um modelo para as demais instituições de ensino em todo território brasileiro.

 Visto isso, o objetivo deste capítulo será apontar como a criação do Colégio representou os ideais dos dirigentes Saquaremas, sobretudo com relação ao ensino, que apesar da “excelência” não atingia todas as parcelas da sociedade, como veremos mais a frente.

 Começando pela origem do Colégio, sabemos que ele remonta à primeira metade do século XVIII, mas precisamente, no dia 8 de junho de 1739, data da fundação do Abrigo de Órfãos de São Pedro.

O maior responsável pela criação desde abrigo, que também funcionava como colégio, foi o bispo Dom Antônio de Guadalupe, e os meninos atendidos por essa obra de caridade receberiam, além do abrigo, alimentação e instrução religiosa.

Segundo o relato do próprio bispo, fica claro o propósito da fundação deste abrigo:

A experiência que temos de que nesta cidade e seus contornos se perdem muitos moços, que ficando órfãos de pai em tenra idade, não tem quem os instrua nos bons costumes e nas artes em que podem aproveitar-se, [...] nos tem movido a procurar remédio para esse dano, não só por meio de um seminário, a que temos dado princípio, na forma de Concílio Tridentino, mas também por meio da instituição de um colégio, em que sejam recebidos e criados meninos órfãos de pai pobres e desamparados de criação. [...] Portanto, em nome daquele Senhor, que foi servido dar-nos esta vontade instituímos nesta cidade do Rio de Janeiro um colégio para a criação dos meninos órfãos, nas costas da Igreja de São Pedro [...]. (PROVISÃO, 8 de junho de 1739, in: AZEVEDO, 1862, p. 389 – 390).

**23**

Conforme os anos iam passando o patrimônio dos órfãos de São Pedro aumentava consideravelmente. Isso ocorreu, especialmente por meio de muitas doações que recebiam. Mesmo assim, os meninos órfãos permaneceram um pouco mais de vinte sete anos apenas em um sobrado anexo a Igreja de mesmo nome.

Contudo em dezembro de 1766, os órfãos foram transferidos para um novo local, um sítio na Rua do Valongo[[13]](#footnote-13), fruto também de uma doação[[14]](#footnote-14). A partir de então, o seminário passou a se chamar Seminário de São Joaquim, e cada vez mais aumentava seu patrimônio, chegando a possuir nove prédios e uma chácara. (MACEDO, 1862, p. 321).

Entrementes, com a vinda da família Real Portuguesa, a cidade sofreu inúmeras transformações, sendo que uma delas afetou diretamente a vida dos meninos do seminário. Foi por decisão de Dom João VI, através do decreto de 5 de janeiro de 1818, que tropas portuguesas passaram a ocupar as dependências do seminário, considerando que o mesmo fazia parte dos bens da coroa. Com isso ele acabou sendo extinto.

Quanto aos alunos, cada um teve um destino diferente. Àqueles com vocação para o sacerdócio foram acolhidos pelo Seminário de São José, e os outros ao Corpo de Artífices e Engenheiros da Divisão Portuguesa.

Porém com a volta de D. João VI para Portugal e sob pressão popular, o Príncipe Regente Dom Pedro, decretou em 19 de maio de 1821, o restabelecimento do Seminário de São Joaquim no prédio de origem, com todos os bens voltando a pertencer ao estabelecimento. Todavia como não recebia nenhum incentivo por parte do governo imperial, o seminário ficou vivendo em condições precárias. (COLÉGIO PEDRO II, 2000, p. 22).

No entanto foi a partir da Regência Trina Permanente que este quadro começou a mudar, já que o Ministro do Império D. José Lino Coutinho, muito preocupado com os rumos da educação, conseguiu aprovar verbas para a reforma de uma série de instituições intelectuais, culturais e também para o Seminário de São Joaquim, que foi todo reformado em dezembro de 1831, “passando a ser um estabelecimento de ensino gratuito para órfãos, filhos militares e funcionários públicos, admitindo, também, alunos pensionistas”. (COLÉGIO PEDRO II, 2000, p. 23).

 Daí por diante, grandes alterações passaram a fazer parte do dia-a-dia do seminário, principalmente com relação ao ensino, pois diante dos graves problemas que a capital do Império sofria e para que os planos da política saquarema pudesse dar certo, era preciso, como já foi dito, a construção de uma civilidade nos moldes europeus. Diante disso, o primeiro obstáculo a ser solucionado era proporcionar um ensino de qualidade para a formação de futuros dirigentes.

**24**

Então, o Ministro Interino do Império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, elaborou o projeto aprovado pela Assembleia Legislativa, em 2 de dezembro de 1837, convertendo o Seminário de São Joaquim em estabelecimento de instrução secundária, sendo a primeira instituição para este fim em todo o Império.

Sua inauguração ocorreu em 25 de março de 1838, em Sessão Solene com a presença do menino-imperador, Pedro de Alcântara, além do Regente e de todo o Mistério e elite do município neutro da Corte (DÓRIA, 1997, p. 23 - 24).

A partir de então, o Seminário passou a ser denominado Colégio de Pedro Segundo, sendo instalado no casarão da Rua Larga[[15]](#footnote-15), e reformado, mantendo uma influência francesa e a ilustração de base clerical. (COLÉGIO PEDRO II, 2000, p. 23).

Mediante alguns artigos do Decreto de fundação da instituição, podemos perceber que as disciplinas que seriam ministradas no Colégio eram para proporcionar um tipo de ensino abrangente que era a pretensão dos dirigentes do país.

Também por meio do Decreto, descobrimos que os futuros alunos teriam que pagar para estudar na instituição, reforçando a pretensão do projeto saquarema: de que o ensino de qualidade seria destinado a poucos:

Art.3º - Neste colégio serão ensinadas as línguas, latina, grega, francesa e inglesa, retórica e os princípios de geografia, história, filosofia, zoologia, mineralogia, botânica, química, física, aritmética, álgebra, geometria e astronomia. [...]

Art. 7º - Serão admitidos alunos internos e externo.

Art. 8º - Os alunos internos pagarão a quantia que for anualmente fixada, para as despesas só próprias dos que morarem no colégio.

Art. 9º - Será pago pelos alunos tanto internos, como externos, o honorário que a titulo de ensino, for fixado pelo governo. (Anuário do Colégio Pedro II de 1914, p. 37 e 38).

**25**

 Portanto, podemos afirmar que o decreto de Fundação do CPII significou uma grande transformação na educação que era oferecida no Município da Corte, especialmente a instrução secundária, que agora mais do que nunca teria a função de preparar os jovens para o ingresso nas escolas superiores.

 Quanto os Estatutos do Colégio, aprovados pelo Regulamento nº 8 em 31 de janeiro de 1838, percebe-se em sua elaboração, a influência de colégios europeus, sobretudo os liceus franceses. Tais estatutos foram organizados em oito aulas e visavam atender a aristocracia escravocrata que comandava a sociedade brasileira e atender as expectativas presentes no projeto de Estado-Nação.

 Ainda com base no Regulamento, observamos algumas informações interessantes com relação às aulas e aos possíveis castigos recebidos pelos alunos que não cumprissem as regras do Colégio, como por exemplo, a privação do recreio, de passeios, das férias, e dependendo do que fosse até a expulsão do estabelecimento. (MOACYR, 1936, p. 283).

 Complementando as ideias acima, a história do Colégio Pedro II também é marcada por inúmeras reformas no campo educacional. Entre aquelas que mais atuaram no regimento do Colégio estão: a Reforma de Antonio Carlos, em 1841[[16]](#footnote-16) e a Reforma de Couto Ferraz, de 1854[[17]](#footnote-17).

 Todavia foi a Reforma de Marquês de Olinda, em 24 de outubro de 1857, uma das mais importantes para a instituição, pois tal reforma dividiu o Colégio em Externato e Internato[[18]](#footnote-18).

 Mesmo através dessas e de outras reformas, e consequentemente muitas mudanças, o Colégio ainda permaneceu como uma das instituições educacionais mais prestigiadas de todo o Império.

 Logo, podemos afirmar que “a história do ensino público secundário na Corte reduz-se, durante o Império, à história do Colégio Pedro II, desde 1858 o único estabelecimento público dessa natureza existente na cidade do Rio de Janeiro”. (HAIDAR, 1972, p. 95).

**26**

2.2 O COLÉGIO COMO SÍMBOLO DO PROJETO DOS DIRIGENTES

 Com as questões expostas acima percebemos que cada vez mais o CPII se constituía como um forte símbolo do Império Brasileiro (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 71) e do projeto de Estado que as elites e também a monarquia queria implantar pelo Brasil. Assim, concordamos como Schwarcz, quando ela concluiu que, “De orfanato humilde, o “Pedro II” – como era chamado – se transformaria na glória do nosso ensino; uma espécie de “símbolo de civilidade”, de um lado, e de pertencimento a uma elite, de outro”. (SCHWARCZ, 1998, p. 150).

 Tendo em vista a importância da criação desta instituição, vejamos a seguir quais eram os principais objetivos do Colégio e por que ele era considerado o modelo a ser seguido pelos demais estabelecimentos de ensino.

 Primeiramente, diante do discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, já é possível notar que um dos principais objetivos do colégio será a ótima educação oferecida aos estudantes que tiverem o privilégio de estudarem ali, como ele deixa claro nesta parte de seu discurso pronunciado por ocasião da abertura das aulas em 1838:

Não concluirei êste discurso sem repetir a V. Excia. Que o intento do Regente Interino criando êste Colégio, é oferecer um exemplar ou norma aos que já se acham instituídos nesta Capital por alguns particulares; convencido como está de que a educação colegial é preferível à educação privada. [...] nenhum motivo menos nobre, e menos patriótico, que o desejo de boa educação da mocidade, e do estabelecimento de proveitosos estudos, influiu na deliberação do Govêrno. (Discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, 1838, p.178).

 Assim sendo, Vasconcelos tece elogios ao colégio que ajudou a criar, com o propósito de atrair a atenção dos pais, para que eles matriculassem seus filhos na instituição, pois na concepção dele, “[...] mediante as luzes de tão distintos Professôres, vão abrir a seus filhos uma carreira de glória, e fazê-los entrar no santuário do verdadeiro saber”. (Discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, 1838, p. 179).

 Diante disso o primeiro e talvez mais importante objetivo da fundação do Colégio foi justamente a preocupação em formar alunos[[19]](#footnote-19) e futuramente cidadãos com uma alta carga literária e científica que seria ministrada nesta instituição, pois a sociedade imperial “[...] tinha em vista formar pessoas à luz dos interesses duma corte que se queria dotada de pessoas que a dignificassem entre as nações mais ilustres. Não admira, por isso, que o plano de estudos do Collegio de Pedro II fosse enciclopédico, abrangendo disciplinas humanísticas e de ciências, além de desenho e música vocal.”. (FERREIRA; VECHIA, 2004, p. 8).

**27**

 Para isso ocorrer, a educação teria um papel fundamental e seria preciso que os estudantes tivessem um bom ensino em uma instituição modelar, sendo este o papel que o Colégio assumiu a partir de 1837, data de sua criação.

Desse modo, podemos verificar que:

Os critérios do saber erudito que configuram o perfil do Imperial Colégio refletiam o sistema de valores da sociedade da época e o “lugar” da educação no projeto de construção do Estado/Nação, ou seja, a escola oficial do Império constituía-se no espaço de formação do cidadão, na possibilidade de o indivíduo ascender socialmente pela aquisição da instrução, sendo a instrução a alavanca da sociedade e do país em direção do progresso. (COLÉGIO PEDRO II, 2000, p. 24).

 O estabelecimento de ensino foi então considerado “colégio-padrão[[20]](#footnote-20) da educação oficial no Município da Corte” e serviu de modelo para as demais escolas, liceus e instituições de instrução secundária em todas as outras províncias, fossem eles particulares ou não. Todos os outros estabelecimentos teriam que seguir os moldes do que era ensinado no Pedro II, e até o período republicano, o Colégio continuava a ser um lugar de referência nos estudos secundários. (ALMANAQUE HISTÓRICO, 2007, p. 106; SOUZA, 1999, p. 95).

 Outro objetivo do CPII foi sem dúvida, dar à instrução secundária uma unidade que não existia até então, e que era prejudicial a todos, tanto para os professores quanto para pais e alunos. Dessa maneira estaria se criando uma base sólida para o ensino secundário oficial. (ATHAYDE, s.d., p. 100; FERREIRA; VECHIA, 1998, p. 7).

 Tão logo, concordamos que o Colégio Pedro II:

**28**

[...] definido como uma instituição educacional em relação direta com o poder constituído, caracterizou-se como uma agência cultural na transmissão dos valores nacionais. Como estabelecimento oficial de ensino secundário, o colégio exerceu um duplo papel enquanto personagem da História da Educação no Brasil, como canal das políticas públicas educacionais e como um centro nacional de referência educacional-cultural na cidade do Rio de Janeiro, transformando-se em “lugar de memória” (COLÉGIO PEDRO II, 2000, p. 24).

 Sendo considerado um marco da educação, o Colégio passou a ter o predomínio do ensino secundário na Capital do Império ganhando cada vez mais destaque na história da educação brasileira, a ponto de ser considerado por muitos pesquisadores da educação como a principal instituição de ensino do país, sobretudo durante o Segundo Reinado.

 Logo, este estabelecimento, teria que se destacar dos demais, através de seus currículos, de suas instalações belíssimas e também de seus alunos, que seriam considerados os melhores de todo o Império. Visto isso, o Pedro II ganhava uma enorme atenção por parte do governo imperial, e isso acontecia desde a sua criação.

 Com todas essas informações vistas, podemos afirmar a importância que esse Colégio representou no Munícipio da Corte e concordamos com Haidar quando ela nos afirma que, “O Colégio Pedro II, [...] representou, até o fim do Império, um fenômeno isolado no panorama geral dos estudos secundários”. (HAIDAR, 1972, p. 124).

**O Ensino na instituição**

3.1 O Colégio de Elite

 Conforme já foi visto anteriormente, a criação do CPII representou uma série de propósitos que os governantes imperiais queriam implantar não só no Rio de Janeiro, mas em todas as províncias do Império. Entre os vários já expostos anteriormente, podemos destacar um deles, que era um dos mais importantes. Este objetivo era oferecer um ensino diferenciado para uma pequena parcela da sociedade, ou seja, aos filhos da “boa sociedade” [[21]](#footnote-21), em outras palavras, aos filhos das elites.

 O ensino para os alunos do CPII “futuros dirigentes”, durante boa parte do Império era diferenciado, já que ele tinha como característica principal um ensino erudito e seletivo, de caráter humanista a fim de proporcionar a tais estudantes o ingresso ao ensino superior. Já à instrução oferecida a população sem muitos recursos, “dirigidos”, era destinada ao preparo técnico. (MOISES; MURASSE, s.d, p. 2021).

**29**

Por conseguinte muitos autores relatam e afirmam que desde a gênese da instituição, ou seja, desde quando o Colégio ainda era um Seminário, a maior parte dos alunos seriam aqueles que pagassem pensões[[22]](#footnote-22), ou seja, das classes economicamente mais favorecidas.

Esta questão ainda agravava mais a situação, pois servia para separar os alunos em classes diferentes, de acordo com quanto eles pagavam. A divisão se dava da seguinte forma:

A 20 de julho de 1777, o bispo D. José Joaquim Castelo- Branco, determinou que o seminário recebesse gratuitamente meninos e órfãos até o número de vinte e seis, pois, a essa altura, o seminário já contava com três classes de alunos: a primeira era dos meninos ricos, chamados pensionistas, que pagavam oitenta mil réis anuais; a segunda a dos meninos menos ricos, chamados meio pensionistas, que contribuíam com quarenta mil réis anuais; e a terceira dos pobres, que eram gratuitos, ou antes, que pagavam tanto ou mais do que os outros, quer pelo seu trabalho ou pela caridade pública. (VECHIA; LORENZ, 2005, p. 461).

As obrigações dos alunos chamados gratuitos eram, por exemplo, pedir esmolas pelas ruas, servindo de chacota muita das vezes. Outra obrigação era varrer a igreja do seminário e cuidar da sacristia. Faziam coro, recebiam, mas o valor ia todo para o seminário. Com relação aos estudos, era muito limitado, com disciplinas que incluíam Latim e cantochão. Quando acabavam esses dois estudos se destinavam ao Seminário da Lapa ou de São José que na maior parte das vezes se destinavam ao sacerdócio mesmo. (VECHIA; LORENZ, 2005, p. 461). Mesmo depois da transformação do Seminário em Colégio, esta divisão entre os alunos continuou se perpetuando, com privilégios para os alunos chamados de pensionistas de primeira classe que tinham direito a repetidores, médicos, remédios, alimentação, roupas lavadas e engomadas. Enquanto que os meio-pensionistas tinham direito apenas a alimentação, e os externos (que não residiam no Colégio), tinham somente direito à instrução. (CUNHA JUNIOR, 2002, p. 57-58).

Também observamos registros de um grande contingente de famílias que entravam com pedidos no governo, com o intuito de matricular seus filhos na instituição como alunos gratuitos do Internato. Alguns desses pedidos eram atendidos, contudo a grande maioria era rejeitada, pois o governo alegava que não poderia atender toda a demanda. (CUNHA JUNIOR, 2002, p. 60).

**30**

No entanto, esse argumento não impedia a matrícula de jovens com sobrenomes ou recomendações de políticos. Desse modo, podemos perceber que os indivíduos da alta sociedade imperial usavam seu prestígio a fim de matricular seus protegidos no CPII, o que acabava afetando o número de vagas de alunos pobres que realmente poderiam estudar no colégio como alunos gratuitos. (CUNHA JUNIOR, 2002, p. 53).

Como exemplo, podemos listar alguns nomes de filhos de pessoas com uma boa situação financeira, mas que estudavam no colégio sem pagar nenhum taxa ou mensalidade. Alguns deles são: Pedro de Alcantara Lisboa (matriculado em 27/04/1838), filho do Conselheiro José Antônio Lisboa; Abrahão Nuno da Camara (matriculado em 29/04/1838(, filho do tenente general Bento Corrêa da Camara; Pedro Leme Betim (matriculado em 01/05/1838), filho do Marquês São João Marcos; Luiz Affonso d’Escragnolle (matriculado em 02/05/1838), filho do Conde d’Escragnolle; José Antônio da Silva Maya Junior (matriculado em 06/06/1838), filho do desembargador José Antônio da Silva May e Antônio José Lite Lobo (matriculado em 01/02/1839), filho do Capitão Antônio José Leite Lobo. (Livro de Matrículas do Alunnos – 1838 – 1854).

 Joaquim Manuel de Macedo também nos evidencia como era difícil o ingresso no Colégio para os filhos das camadas pobres da sociedade, já que as vagas destinadas a esses estudantes acabavam sendo preenchidas por alunos que tinham algum apadrinhamento. Desse modo, estes tiravam a oportunidade de crianças não favorecidas, de frequentarem uma instituição com um ensino primoroso e que era reconhecido por todos:

Desde longa data, desde os primeiros tempos do Imperial Colégio de Pedro II, o patronato arrancou lugares dos pobres órfãos para dá-los de presente a meninos que não eram órfãos, e que muitas vezes nem eram pobres! E os doze lugares iam-se deste modo reduzindo... reduzindo... Deus sabe a quantos! Reduziam-se na razão inversa da extensão do patronato, que em alguns anos chegou a ser escandaloso. (MACEDO, 1991, p. 165. In: CUNHA JUNIOR, 2002, p. 56).

Então percebemos que na maior parte da sua história, a instituição de ensino sempre foi destinada aos filhos da elite brasileira, pois eram esses estudantes que tinham as maiores condições de frequentar o Colégio[[23]](#footnote-23), visto que a instrução oferecida ali era para a preparação de futuros homens de negócio do Império, e segundo os lideres do governo, os alunos que tinham tais condições de representar a Corte seria os filhos dos dirigentes, ou seja, seus filhos, os privilegiados.

Mais um exemplo de diferenciação dos alunos do Pedro II de quaisquer outros, era o uniforme imponente e tradicional, com específicos símbolos da monarquia, como nos apresenta Schwarcz, “... a lembrar as cores do Brasil – casaca verde com botões amarelos (que a partir de 26 de dezembro de 1855 traziam em relevo o símbolo P II do monarca), chapéu alto de pelo, a gravata de volta, o boné chato...” (SCHWARCZ, 1998, p. 150).

**31**

![Descrição: C:\Users\Renata\Desktop\Trabalhos e documentos\Monografia\Imagens\uniforme[1].jpg]()

 Figura 1: Uniforme dos alunos do Colégio Pedro II em 1855. Nudom/ CPII

Os alunos do Colégio se sentiam o máximo em trajar o uniforme da instituição de ensino que era conhecida por ser a melhor do país. Uma prova disso é a passagem a seguir do estudante, José Vieira Fazenda, em 1858: “parecia ter o rei na barriga; pois garboso vestia a clássica jaqueta verde de botões amarellos com os symbolicos PII e bonnet azul guarnecido de estreito galão de ouro” [[24]](#footnote-24).

Uma das cerimônias na qual os alunos deveriam trajar estes uniformes era nos exames realizados com a presença do Imperador D. Pedro II. Assim sendo, as vestimentas eram muito importantes, já que traziam cores e símbolos do Império Brasileiro e essa era uma das maneiras pelas quais, a monarquia mesmo de uma forma simbólica, estava ali representada dentro da instituição, trazendo aos alunos um enorme orgulho de poder trajar uniforme tão imponente e com tanto poder simbólico.

**32**

Contudo o uniforme do Colégio muito além de diferenciar seus alunos dos demais, também foi criado como uma forma de minimizar as diferenças existentes entre os próprios alunos da instituição, pois como já vimos, a grande maioria dos alunos eram das classes mais altas, mas existiam também – apesar de poucas - algumas vagas para alunos de baixa renda, e essa discrepância era muito bem observada por todos dentro do Colégio. Logo, como uma roupa que uniformizasse todos os alunos, a diferença entre as classes não ficaria tão evidente. Pelo menos a olhos vistos. (ALMANAQUE HISTÓRICO, 2007, p. 123).

Desde então, muitas outras escolas, passaram a ter seus próprios uniformes também, e mais uma vez o Imperial Colégio serviu de modelo para as demais instituições. Todavia nenhum outro colégio teve tantos uniformes como o Pedro II, que de certa maneira, sempre tentava seguir a tendência da época. O tradicional uniforme só foi trocado por uma blusa ¾, calça azul marinho e sapato social preto, em 1976. De lá pra cá, foram poucas as alterações que o uniforme sofreu até o atual. (ALMANAQUE HISTÓRICO, 2007, p. 123).

Ainda reafirmando as diferenças existentes entre os estudantes do CPII e os de outras instituições de ensino, podemos explorar os espaços dentro do Colégio, pois é lá que se percebem várias referências e alusões a Corte Imperial, como por exemplo, quadros, estátuas e símbolos.

 Assim, dentro do Colégio também existia a ordem que era tão pregada pelas elites e desse modo, o Colégio era considerado como um “mundo à parte”, organizado, servindo para diferenciar do “mundo da desordem”, como muitos diziam na época.

 Podemos perceber que a organização da instituição demonstrava para os alunos que eles também deveriam manter a disciplina. Vejamos a seguir, um relato a respeito dos espaços internos do Colégio[[25]](#footnote-25), que reforçam a ideia de extrema organização e ordem do projeto Saquarema:

**33**

Na face do fundo há um portão com grades de ferro, que se abre para o interior do Collegio. Transpondo-se este portão vê-se um pateo quadriangular, onde estão plantadas lindas amendoeiras. [...] Na primeira face vê-se na varanda uma porta, que vai ter a duas salas de aulas separadas por um pequeno corredor; na face do lado direito, além da varanda, há o refeitorio e uma sala de aulas. Junto dessa sala houve um carcere para os alunos. Ao lado esquerdo do pateo fica o corredor da igreja, onde esperam os alunos, e para o qual se entra por uma porta, que ao lado esquerdo do portão, que dá entrada ao interior do collegio. No fundo desse corredor ha uma sala de aulas. Era ahi a antiga capella do collegio. Na face do fundo há duas salas de aulas separadas por um corredor. [...] No fundo do corretor vê-se uma porta, que dá então para um salão. Era um antigo dormitorio. Aqui se examinam os alunos do externato, e fazem-se os exames e concursos para o magisterio público e particular de instrucção primaria e seundaria. [...] Há na face do fundo uma porta, que se abre para um corredor, que deita janelas para o pateo central. Esse corredor comunica-se por uma porta com o salão de distribuição de premios, por outra com a sala do retrato, que encerra o retrato do Senhor Dom Pedro II, e onde os professores se reunem em congregação, e ainda cinco pequenas salas. [...]. (AZEVEDO, 1862, p. 44-51. Citado por: CUNHA JUNIOR, 2002, p. 73 – 74).

 Por meio dessa descrição do ex-aluno Moreira de Azevedo, percebemos que ao entrarem pelo “portão de ferro do Colégio”, os estudantes iriam encontrar um ambiente de ordem, diferentemente do mundo de onde eles acabaram de vir, ou seja, da rua, ou simplesmente da desordem. (CUNHA JUNIOR, 2002, p. 77).

 É assim, que os dirigentes do Império transformaram o CPII em um exemplo a ser seguido em todo o país, pois conseguiam transferir as diferenças existentes na sociedade para dentro da instituição. Isto acabava reforçando ainda mais, as discriminações sofridas por estudantes pobres, que na maior parte das vezes, por pertencerem ao mundo da desordem, não tinham a oportunidade de frequentar o Colégio da Corte.

Através desse relato também fomos capazes de perceber como cada espaço dentro do CPII era demarcado, organizado, e como cada um desses locais tinham ordens a cumprir.

Por exemplo, o Salão Nobre destinado as grandes cerimônias, como colações de grau, concursos de professores, entre outros. O salão do retrato com o quadro de Dom Pedro II, com a função talvez, de lembrar aos alunos que o imperador estava sempre de olho não só no Colégio, mas neles também[[26]](#footnote-26); e as diversas salas, palco de grandes aulas com os melhores professores da Corte.

Muitos outros espaços também fazem parte dessas recordações de ex-alunos e ex-funcionários em geral. Contudo o mais importante, a saber, é que em cada espaço demarcado existem muitas histórias, algumas que já foram contadas, outras que ainda vão ser. Porém todas elas fazem parte de uma só: a do principal colégio de instrução secundária de todo o Segundo Reinado e de boa parte da República também.

**34**

Já em relação à instrução oferecida no CPII, percebemos que a opção mais acertada foi um ensino erudito, baseado em Programas de Ensino europeus, sendo que “[...] a organização disciplinar hierarquizada de caráter rígido e seletivo dão ao ensino secundário, representado pelo Colégio Pedro II, uma função formativa dirigida às elites [...]”. (COLÉGIO PEDRO II, 2009, p. 24).

3.2 O ENSINO ELITISTA

Entender o procedimento de escolha dos alunos do CPII é compreender como o ensino Colégio Pedro II era destinado à formação dos filhos da “boa” sociedade, assim sendo com um ensino excludente e elitista, baseado em currículos europeus, enciclopédico e seletivo.

Podemos ter noção desse currículo por meio dos programas de ensino da instituição que tivemos acesso. Através deles vemos que a grande maioria das aulas eram de disciplinas de ciências naturais e da área de matemática, tais como, Zoologia, Mineralogia, Geologia, Cosmografia, Retórica, Geometria, Aritmética, Álgebra, Desenho Linear, entre muitas outras.

As conhecidas disciplinas de línguas estrangeiras também faziam parte do roteiro a ser estudado pelos alunos, tudo para terem um ensino amplo que proporcionasse crescimento e possibilidades na carreira de cada um. Algumas delas eram: Grego, Latim. Alemão, Francês, Inglês. (VECHIA; LORENZ, 1998)

 Criado para ser o colégio-padrão do Império e para a formação dos futuros homens do governo imperial, podemos observar que seu currículo era baseado em características europeias de ensino, sobretudo os modelos franceses, com uma base de metodologia científica, preocupado com a Ciência e com a História dos heróis (História Mestre da Vida), já que o passado é o que importa e serve de exemplo para as gerações futuras.

 Ainda com relação ao seu currículo, o autor Vechia nos fala que os programas de ensino da instituição, eram também os programas de ensino secundário oficial de todos os outros estabelecimentos, pois o Colégio era o modelo a ser seguido pelos demais. Através dos anos, os programas de ensino do CPII exerceram influência, ainda que de forma indireta, sobre várias escolas secundárias existentes entre o século XIX e início do XX, já que seu currículo era um mecanismo utilizado na tentativa de conciliar os interesses do ensino superior e os objetivos próprios do ensino secundário.

 Sendo assim, todos os colégios ou escolas procuravam ter como ideal a ser seguido o Colégio Pedro II, já que eram incentivadas a adequar seus currículos e programas aos do CPII, principalmente a partir de 1854, quando os exames preparatórios passaram a ser realizados em conformidade com os programas da instituição referência da Corte, pois um dos principais objetivos do Colégio era de levar seus alunos para as carteiras do ensino superior.

**35**

A sua principal característica é quanto ao seu ensino, que era responsável por levar seus alunos, quando passassem em todas as disciplinas de cada aula, chegassem a sua aprovação e consequentemente o direito ao Diploma de Bacharel em Letras. Diploma este, que permitia ao estudante o ingresso direto para qualquer curso superior do Império, sem a necessidade da realização de alguma prova. (FERREIRA; VECHIA, 1998, p. 7).

 É visível que as elites mantinham privilégios dentro do Colégio, já que esta instituição representava a grande maioria dos ideais propostos no projeto de Estado dos dirigentes do Império, sobretudo com relação ao ensino de qualidade, que seria destinado aos filhos dos mais ricos, para que no futuro, eles representassem o Império Brasileiro mundo afora. Esses privilégios estavam nas práticas cotidianas, na questão da disciplina e, sobretudo com relação à instrução que era oferecida a seus filhos, garantindo dessa forma, a melhor formação educacional de todo o Império.

 Outra característica importante é que a grande maioria dos alunos que frequentavam o Colégio Pedro II, além de pertencerem a classe mais favorecida, eram, sobretudo provenientes do Rio de Janeiro - por exemplo, entre 1842 e 1853, no Externato, 68% eram de alunos do Rio; já entre 1858 e 1866, no Internato, as matrículas de alunos da Capital do Império somava aproximadamente 76,8%. Assim, concordamos com Cunha Junior quando ele afirma que esta presença maciça do número de estudantes que eram do Rio, é um forte indício de que o Pedro II foi criado a fim de atender, os filhos dos dirigentes Saquaremas, grupo este, com a maioria dos membros representando os interesses da Capital do Império. (CUNHA JUNIOR, 2002, p. 60).

 Com todas essas características apresentadas, reafirmamos que o ensino não era gratuito, como fica evidente na fala de Joaquim Manuel de Macedo (1862/1863), já que as crianças pobres tinham um estudo voltado o mundo do trabalho, enquanto as que estudavam no Colégio Imperial seria os futuros dirigentes do Império.

**36**

 Assim, com um ensino seriado, essa instituição de ensino significou um grande marco na história da instrução pública secundária, já que pode ser considerada como o primeiro colégio secundário da corte com padrões europeus que representou uma virada no ensino das crianças da Corte, mesmo que essas crianças não fossem a grande maioria.

 Nesta instituição foram formados alguns dos maiores nomes da política do nosso país, como por exemplo, Marechal Hermes da Fonseca, Nilo Peçanha e Washington Luiz. Mas também outros que atuaram em diversos setores da nossa sociedade, em diversos períodos da história brasileira. Entre estes se destacam Afonso Arinos de Melo Franco, Mario Lago, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Hélio Beltrão, Manuel Bandeira, entre tantos outros.

 No entanto o mais importante na trajetória do colégio não é formar nomes conhecidos. Sua principal marca é a preocupação em formar cidadãos brasileiros que honram o nome da instituição, independentemente deles se tornarem famosos ou não. Essa é, indiscutivelmente, a marca de identidade que permanece através do tempo.

**CONCLUSÃO**

 Sem dúvida o Colégio Pedro II como conhecemos hoje[[27]](#footnote-27) é bem diferente daquela instituição de ensino criada no final do período regencial com o intuito de servir como padrão para as demais escolas e principalmente para formar a elites intelectuais e sociais do Império.

 Todavia diante de sua história conseguimos perceber algumas continuidades, sobretudo no que diz respeito a sua tradição e na sua imagem como uma das melhores instituições públicas de ensino do país.

 Ao longo do tempo, apesar de algumas crises, o CPII sempre ocupou lugar de destaque no cenário educacional brasileiro, sobretudo no período monárquico, sendo a única instituição de ensino a outorgar a seus formandos o grau de “bacharel em Ciências e Letras”, título que permitia o ingresso direto de seus alunos em cursos superiores.

**37**

 Logo muitos pesquisadores afirmam que o colégio se confunde com a história da educação brasileira, em especial com a do ensino público secundário. Confirmamos isto, pois ao longo dessa pesquisa vimos que suas raízes remontam desde o século XVIII, com a criação do abrigo de Órfãos de São Pedro.

 Anos mais tarde, já com o nome de Seminário de São Joaquim foi transformado na primeira instituição de ensino secundário do país. O Colégio foi organizado tendo como referência os padrões educacionais europeus, e também em consonância com os planos dos dirigentes do Império, já que estes pretendiam o estabelecimento da ordem e da construção de uma civilização através de um ensino de qualidade representado pelo Imperial Colégio.

 Com isso em vista tentei demostrar ao longo da pesquisa como a criação deste colégio representou uma grande mudança, não só para a Capital da Corte, mas para todo o Império, já que ele serviu de modelo de ensino para as demais. Assim, o que se buscou foi uma restruturação no ensino secundário que estava tão precário naquele momento.

 Visto isto um dos objetivos da pesquisa foi analisar qual o papel que o CPII representou no projeto dos dirigentes do Império, mostrando que através de seu ensino erudito e abrangente, o colégio foi um dos maiores símbolos desse projeto de Estado. Confirmamos que o estabelecimento de ensino representou os maiores ideais dos Saquaremas, sobretudo com relação à educação, pois ele era o melhor do Império e dirigido às classes mais privilegiadas, ou seja, aos filhos dos próprios dirigentes.

 Outro objetivo que a pesquisa discutiu foi ver afinal qual era a real necessidade de ser criado um projeto para construção de uma Nação baseada em padrões franceses, e que tivesse como principal objetivo a formação de uma população civilizada. Para tal era mais do que preciso uma excelente educação, e foi justamente isto que argumentamos em um dos capítulos deste trabalho.

 Contudo o que podemos observar foi que apesar da criação de um ensino de qualidade, representado pelo CPII, isto não se refletiu para todas as parcelas da sociedade, pois a maioria dos alunos do colégio-modelo eram filhos da boa sociedade, já que a instituição, desde sua gênese até o final do Império era paga, e as classes menos favorecidas não tinham condições para bancar os estudos de seus filhos no colégio. Este foi outro objetivo explorado na pesquisa e que foi desenvolvido mostrando justamente as questões que envolviam o ensino do colégio e como tudo lá dentro era para privilegiar os interesses das elites.

**38**

**REFERÊNCIAS**

**39**

**1. Documentais:**

COLLEGIO PEDRO II. **Anuário do Colégio Pedro II** (1914). Reedição Comemorativa dos 170 anos da Fundação do Colégio Pedro II. 2ª ed., nº 1. Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Anuário do Colégio Pedro II.** Vol. VIII. Subsídios para a história do Colégio Pedro II (1928-1934). Rio de Janeiro: Tipografia Misericórdia, 1937.

**Matrículas dos Alunnos**. 1838-1854.

Regulamento N. 8 – De 31 de Janeiro de 1838. In: Franz Dobbert et. alli. (org.). **INTERNATO – Órgão dos antigos alunos do internato do Collégio Pedro II**., ano III. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, Rodrigues & CIA, 1953. Vol. 3.

1.2 Memorialistas:

DÓRIA, Escragnolle**. Memória- Histórica commemorativa do primeiro centenário do Collegio de Pedro Segundo**: 1837-1937. 2ª ed. Brasília: INEP, 1997.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Imperial Colégio de Pedro II. In: **Um Passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. (Clássicos brasileiros), Edições de Ouro, 1862-1863.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo- Memórias 2**. (1973). São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2000.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Chão de Ferro- Memórias 3.** (1976). 3ª ed. São Paulo: Ateliê: Giordano, 2001.

TAUNAY, Alfredo Maria Adriano Escragnolle. **Memórias do Visconde de Taunay.** São Paulo: Melhoramentos, 1948.

1.3 Discursos:

VASCONCELOS, Bernardo Pereira de. Discurso proferido por ocasião da abertura das aulas do Colégio de D. Pedro II aos 25 de março de 1838. In: **ANNUÁRIO DO COLLÉGIO PEDRO II.** 2º ano. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1915.

**2. Bibliográficas:**

ALMANAQUE HISTÓRICO- 170 anos. **Colégio Pedro II e a História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2007.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)- História e Legislação**. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2000.

**40**

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **Cultura e Formação da Boa Sociedade: Uma História do Imperial Colégio Pedro Segundo**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

FERREIRA, Antônio Gomes Alves; VECHIA, Ariclê. Um Olhar sobre instituições de Ensino Secundário no século XIX: O Liceu de Coimbra e o Imperial Collegio de Pedro II. In: **Cadernos de História da Educação**, nº 3, jan/dez, 2004, pp. 5-16.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais - Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, José Roberto de & FLORENTINO, Manolo. “Crianças escravas, crianças dos escravos” In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: contexto, 1999, p.177-191.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Império brasileiro**. São Paulo, EDUSP, 1972.

MATTOS, Ilmar R. O Tempo Saquarema. **A formação do Estado Imperial.** São Paulo, Ed. Hucitec, Prêmio Literário Nacional, 1986.

MAUAD, Ana Maria. “A vida das crianças de elite durante o Império” In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. Op. Cit., p.137-176.

MOISES, Alzenira Francisca de Azevedo; MURASSE, Celina Midori. **O Ensino Secundário na Segunda Metade do Século XIX: Colégio Pedro II**. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/183AlzeniraF.AzevedoMoises.pdf>. Último acesso em 06 de novembro de 2011.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical- Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira: organização escolar**. 4ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1982. (Coleção educação universitária).

**41**

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **O Currículo da disciplina Escolar História – No Colégio Pedro II – a década de 1970 - entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a história e os estudos sociais**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. **Alunos, leitores e cidadãos: apontamentos sobre a formação dos alunos do Colégio Pedro II no Império (1837-1854).** Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da eloqüência: retórica e poética no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. De Asilo de Orfãos a Colégio das elites: A Gênese do Imperial Colégio de Pedro II. In: **Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica** (SBPH). Anais da XXV. Reunião. Rio de Janeiro, 2005, pp. 459-464.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. **Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951**. Curitiba, Ed. do Autor, 1998.

ZOTTI, Solange Aparecida. O Ensino Secundário no Império Brasileiro: Considerações sobre a Função Social e o Currículo do Colégio Pedro II. In: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, nº 18, jun. 2005, pp. 29-44.

**Teses e dissertações**

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana Queiroz. **O Colégio Pedro II: um lugar de memória**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1999.

BARBOSA, Laurinha de. **Educação de Poder: quando a escola era risonha e franca... Rio de Janeiro, 1808-1928**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

MELLO, Renata Costa de, **O Imperador D. Pedro II e a Educação na Corte: Histórias e Memórias do Colégio Pedro II, instituição padrão de ensino (Rio de Janeiro, século XIX).** Monografia de História. Rio de Janeiro: UFRJ**,** 2013.

PENNA, Fernando de Araújo. **Sob o nome e a capa do Imperador: a criação do Colégio de Pedro II e a construção do seu currículo**. Dissertação de mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

**42**

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. **Ensinando a ser brasileiro: o Colégio Pedro II e a formação dos cidadãos na Corte Imperial (1837-1861).** Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, 2010.

1. Aulas por disciplina, ministrada pelos preceptores (professores) na casa dos estudantes sem nenhum tipo de fiscalização. [↑](#footnote-ref-1)
2. Pernambucano, sendo eleito senador de Pernambuco em 1837. Participou da reação conservadora, que fez oposição à regência do padre Feijó. Figura reconhecida, quando Feijó deixou o cargo, Araújo Lima assumiu a pasta do Império , até assumir a Regência interina, na forma da Constituição, o que aconteceu em 19 de setembro de 1837. Exerceu seu cargo até o golpe da maioridade em 1840. [↑](#footnote-ref-2)
3. Um ensino com grande número de disciplinas, baseado em saberes da ciência, como física, astronomia, matemática e química. Isso para citar alguns exemplos. [↑](#footnote-ref-3)
4. O NUDOM é um núcleo institucional de pesquisa cuja meta é preservar, tratar e divulgar o acervo de documentos sejam eles, iconográficos ou bibliográficos sobre a História e Memória do Colégio Pedro II. Tal acervo é aberto a pesquisadores em nível de graduação, mestrado e doutorado. O acervo documental e histórico do NUDOM é muito vasto e possui documentação de todos os períodos da história do Colégio desde a sua fundação até os dias atuais. [↑](#footnote-ref-4)
5. Esta fonte também foi encontrada no acervo do NUDOM. [↑](#footnote-ref-5)
6. O termo "saquarema", teria vindo de um grupo de proprietários de terras, adeptos do Partido Conservador, que reagiram aos desmandos de um padre e subdelegado de polícia de Saquarema, José de Cêa e Almeida. O termo teria surgido de forma jocosa, para definir esse grupo e seus protegidos, mas depois foi adotado pelos próprios seguidores do Partido Conservador, a ponto de lançarem periódicos com o nome de O Saquarema, em Pernambuco e São Paulo. Segundo Ilmar Rohloff de Mattos (1986), os dirigentes saquaremas corresponderiam tanto a alta burocracia - como senadores, magistrados, ministros e conselheiros de estado – quanto os proprietários rurais, e também professores, médicos, literatos e jornalistas. [↑](#footnote-ref-6)
7. Contudo, veremos mais a frente na pesquisa que não era bem isso que acontecia, já que a civilização alcançada pelo excelente ensino oferecido no Colégio Pedro II não era para todos. Este ensino de referência, na maior parte das vezes, era destinado apenas para os filhos dos próprios dirigentes do governo. [↑](#footnote-ref-7)
8. Marquês de Pombal orienta-se no sentido de recuperar a economia através de uma concentração do poder real e de modernizar a cultura portuguesa. Do ponto de vista educacional, a orientação adotada foi a de formar o perfeito nobre, simplificar e abreviar os estudos fazendo com que um maior número de pessoas se interessasse pelos cursos superiores, propiciar o aperfeiçoamento da língua portuguesa e diversificar o conteúdo, tornando-os mais práticos. Logo, uma das principais mudanças, especificamente na instrução secundária, foi à expulsão da Companhia de Jesus ser expulsa em 1759, sendo o principal motivo o fato de ela ser um empecilho na conservação da unidade cristã e da sociedade civil, porque segundo eles, a Companhia era detentora de u poder econômico que deveria ser desenvolvido ao governo e também porque educava o cristão a serviço da ordem religiosa e não dos interesses do país. (RIBEIRO, 1982, p. 37). [↑](#footnote-ref-8)
9. Classes economicamente privilegiadas da sociedade imperial. Eram basicamente de políticos, fazendeiros e aristocratas da Corte. [↑](#footnote-ref-9)
10. Apenas para citar algumas temos: a Guerra dos Cabanos em Pernambuco (1832 – 1835); a Cabanagem no Pará (1835 – 1840); a Sabinada na Bahia (1837 – 1838); a Balaiada no Maranhão (1838 – 1840) e a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul (1836 – 1845). Todas essas revoltas tiveram um enorme impacto na sociedade e deram muito trabalho para os governantes. Cada uma dessas revoltas tiveram suas particularidades, porém é preciso ressaltar que na maioria das vezes, as rebeliões se caracterizavam pelas dificuldades diárias e pelas queixas contra o governo central, que privilegiava o Município da Corte. [↑](#footnote-ref-10)
11. No dia 12 de agosto de 1834, os membros da Câmara dos Deputados estabeleceram um conjunto de mudanças que afetaram diretamente as diretrizes da Constituição de 1824. Nesse dia, o chamado Ato Adicional aprovou uma série de mudanças que refletiam bem o novo cenário político. Agora, sem a intervenção do poder régio, as tendências políticas presentes, representadas pelas alas liberal e conservadora, tentavam se equilibrar no poder. Quanto à instrução pública, ela compete agora as Assembleias Legislativas Provinciais promovê-la, Com isso tais níveis de instrução passam a sofrer as consequências de instabilidades política, da falta de recursos, bem como de regionalismos que dominava as províncias. As únicas que não sofrem alterações são as faculdade de medicina, os cursos jurídicos, academias atualmente existentes, e outros quaisquer estabelecimentos de instrução que para o futuro forem criados por lei geral. Com esse tipo de organização vemos uma grande deficiência quantitativa e qualitativa e as aulas avulsas se espalham de maneira desproporcional e sem fiscalização. (HAIDAR, 1972, p. 51). [↑](#footnote-ref-11)
12. Com o advento da República, a Academia Imperial de Belas Artes passou a se chamar Escola Nacional de Belas Artes, e hoje se localiza na Avenida Rio Branco, perto da Biblioteca Nacional e em frente ao Teatro Municipal, no Centro do Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-12)
13. Atual Rua do Camerino. [↑](#footnote-ref-13)
14. Primeiramente foi Manoel de Campos Dias que em 1758, doou a capela que erigiu e que foi consagrada a São Joaquim. Tal capela se localizava em um sítio na Rua do Valongo. Logo depois, outro senhor fez a doação de alguns pedaços de terra próximo a capela, a fim de que ali fosse construído um seminário, e assim foi feito. (VECHIA; LORENZ, 2005, p. 460 – 461). [↑](#footnote-ref-14)
15. Atual Avenida Marechal Floriano, onde se localiza a Unidade Centro do Colégio Pedro II. [↑](#footnote-ref-15)
16. Esta reforma reformulou os Estatutos do Colégio, e a partir daquela data, fixou em sete anos o curso de Bacharelado da instituição. Outro ponto dessa Reforma foi com relação às línguas estrangeiras, pois o latim seria lecionado em todas as séries, o grego nos últimos quatro anos, e junto com o francês e o inglês, o alemão – introduzido pela primeira vez no país - passaria a fazer parte do currículo dos alunos a partir do 3º ano. (HAIDAR, ob. cit., p. 102). [↑](#footnote-ref-16)
17. Esta Reforma criou uma Inspetoria Geral de Instrução Primária e Secundária, estabeleceu normas para fiscalizar o ensino público e particular e reformou os estatutos da instituição. Além disso, dividiu os estudos do Colégio em duas classes: a primeira, com duração de quatro anos, considerada de “primeira classe” teria um caráter científico; já a “segunda classe” seria destinada ao ensino profissionalizante, com duração de três anos. Nesta divisão fica evidente que cada curso teria um público específico, de classes sociais diferentes. (ZOTTI, 2005, p. 37). [↑](#footnote-ref-17)
18. Enquanto o primeiro ficaria situado no prédio do antigo Seminário, na Rua Larga; o segundo ficaria localizado na Chácara da Mata, no Engenho Velho. [↑](#footnote-ref-18)
19. Esses alunos seriam especificamente os filhos da elite brasileira, já que o Colégio era destinado a este público alvo. Particularmente veremos esta questão no próximo capítulo do trabalho. [↑](#footnote-ref-19)
20. O Colégio Pedro II era uma instituição padrão de ensino para suas congêneres no Brasil, assim como o Liceu de Coimbra, criado pelo decreto de 17 de novembro de 1836, em Portugal. Os dois estabelecimentos surgiram em um contexto político marcado pelo pensamento burguês e foram padrões de ensino durante o século XIX e boa parte do século XX. (FERREIRA; VECHIA, 1998, p. 6). [↑](#footnote-ref-20)
21. O conceito de boa sociedade é trabalhado pelo autor Ilmar Rohloff de Mattos (1986) que designa esta boa sociedade como a reduzida elite do Império que compartilha códigos e valores modelados na concepção europeia de civilização. Segundo o autor, a boa sociedade se confundia com a elite política que ordenava o país e excluía o “mundo da desordem” dessa sociedade. [↑](#footnote-ref-21)
22. Diferentemente do que vimos nas palavras do fundador do Seminário. Já que Dom Antonio de Guadalupe disse que o abrigo seria destinado “aos filhos órfãos de pais pobres e desamparados”. [↑](#footnote-ref-22)
23. Através de algumas leituras podemos afirmar que nem sempre o Colégio Pedro II foi uma instituição gratuita como conhecemos hoje em dia. Foi só por meio do Decreto nº 29.396, de 21 de março de 1951, que o Colégio não passou mais a receber mensalidades dos alunos que o frequentassem regularmente. Verificamos também que havia diferenças no pagamento de tais mensalidades, já que existiam três “tipos” de alunos: os pensionistas, meio pensionistas e Externos. [↑](#footnote-ref-23)
24. Artigo “Recordações”. Datado de \_\_/07/1913, localizado no Arquivo Nacional, registrado sob o código 46.21. In: CUNHA JUNIOR, 2002, p. 71). [↑](#footnote-ref-24)
25. A descrição que veremos relata especificamente do Externato do Colégio, ou seja, onde os alunos não residiam, apenas estudavam. Nos dias de hoje, este Externato é a Unidade Centro do Colégio Pedro II. [↑](#footnote-ref-25)
26. Isso acontecia predominantemente por causa do culto ao imperador, próprio do modo monarquista do período. [↑](#footnote-ref-26)
27. Atualmente atendendo cerca de treze mil alunos, nas quatorze Unidades Escolares , com um número expressivo de professores e tentando sempre articular a sua tradição com a modernidade dos dias atuais. Além da Unidade Centro que foi a primeira a ser criada em 1837, existem hoje, unidades nas seguintes localidades: São Cristóvão, Humaitá, Engenho Novo, Tijuca, Realengo, Niterói e Duque de Caxias, sendo que as Unidades Escolares São Cristóvão I foi criada em 1984, Humaitá I em 1985, Engenho Novo I em 1986, Tijuca I em 1987, Realengo em 2004, Niterói 2006 e Duque de Caxias em 2007. (ALMANAQUE HISTÓRICO, 2007, p. 4). Informações específicas sobre cada uma das Unidades Escolares podem ser encontradas no site do colégio: http://www.cp2.g12.br). [↑](#footnote-ref-27)